Este artigo é parte integrante do Vol. 11 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2025 ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878

doi.org/10.58855/2447-4878.v11.n1.005



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

GUTENBERG E A PRODUÇÃO DA PRIMEIRA BÍBLIA IMPRESSA

Gutenberg and the Production of the First Printed Bible

Felipe Claus Rauber[1]

RESUMO

Este trabalho relata o acontecimento da impressão da primeira Bíblia por Gutenberg, o inventor da imprensa moderna. Consistindo em uma revisão bibliográfica, este artigo aponta os principais aspectos ligados ao evento, tanto os condicionantes para sua realização quanto as circunstâncias envolvidas, buscando, com fidelidade, reconstruir a história deste importante feito. É notório que o advento da imprensa impulsionou grandes transformações sociais, as quais precederam e abriram caminho para a Reforma Protestante, destacando-se a possibilidade de impressão da Bíblia, que a tornou acessível ao público em geral, permitindo o livre exame e interpretação das Escrituras.

Palavras-chave: Bíblia. Gutenberg. Imprensa. Reforma.

ABSTRACT

This work reports the event of the printing of the first Bible by Gutenberg, the inventor of the modern printing press. Consisting of a bibliographical review, this article highlights the main aspects linked to the event – both the conditions for its realization and the circumstances involved – seeking, with fidelity, to reconstruct the history of this important feat. It is well known that the advent of the press drove major social transformations, which preceded and paved the way for the Protestant Reformation, highlighting the possibility of printing the Bible, which made it accessible to the general public, allowing the free examination and interpretation of the Scriptures.

Keywords: Bible. Gutenberg. Press. Reform.

[1] Felipe Claus Rauber é mestre em Estudos Teológicos pelo *Southwestern Baptist Theological Seminary* (SWBTS), e serve na Igreja Batista Somos Igreja, em Santa Cruz do Sul/RS, Brasil. ORCID: https://orcid.org/0009-0004-0688-6380. E-mail: fcrauber@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em geral, sabe-se muito mais sobre as invenções do que sobre os inventores. O mesmo ocorre com Gutenberg. Pouco se sabe sobre sua vida se comparado ao que já se escreveu sobre a sua contribuição para a humanidade: a imprensa de tipos móveis. Entretanto, o fato de tê-la criado é contestado por alguns críticos. Apesar disso, é pacífico que Gutenberg foi o responsável pela primeira impressão da Bíblia. O desenvolvimento da imprensa, a ponto de permitir a produção de muitas cópias de uma obra tão vasta e importante, distingue o trabalho de Gutenberg de todas as eventuais tentativas anteriores de impressão.

O presente artigo versará sobre a produção da primeira Bíblia impressa por Gutenberg. Será abordada a vida de Gutenberg, a invenção da imprensa, bem como a relevância desta inovação para a sociedade e, consequentemente, pela produção dos primeiros exemplares impressos da Bíblia. Esta pesquisa pretenderá oferecer uma descrição fiel do contexto histórico-cultural daquele tempo, referindo os aspectos mais importantes que fizeram parte do acontecimento objeto do artigo. Uma ampla revisão bibliográfica servirá de base para as informações apresentadas, limitando-se a pesquisa à utilização de dados constantes em referências bibliográficas disponíveis em Língua Portuguesa.

A análise da produção da primeira Bíblia impressa permitirá compreender não apenas os aspectos técnicos envolvidos na realização desse empreendimento, mas também as condições históricas que favoreceram sua concretização e suas implicações para a circulação do conhecimento. Nesse percurso, será considerada a relação entre o desenvolvimento da imprensa, a ampliação do acesso aos livros e a posterior disseminação das ideias da Reforma Protestante, destacando-se a importância desse processo para a história da transmissão e da leitura das Escrituras.

1. GUTENBERG

Nascido em Mainz, Alemanha, em data imprecisa, entre 1397 e 1400, Johannes Gensfleisch adotou o apelido "Gutenberg", pelo qual se tornou conhecido[2] – cuja procedência é atribuída, por alguns, à sua linhagem paterna. Apesar da origem nobre – seu pai era ourives e comerciante – revoltas ocorridas em sua cidade natal, ainda na época de sua infância, levaram sua família ao exílio por vários anos, retornando a Mainz por volta de 1420, após a morte de seu pai. Mais tarde, aproximadamente em 1430, Gutenberg se mudou para Estrasburgo[3] e, pelo que se sabe, nesta época se dedicou ao trabalho de ourives, bem como à lapidação de pedras preciosas. Paralelamente, porém, em segredo, trabalhou no desenvolvimento de sua invenção.

[2] BRITO, Armando Assis de Sousa e. Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais – 2ª parte. **Revista da Sociedade Portuguesa de Materiais**. Lisboa, vol. 19, n. 3 e 4, jul. dez. 2007. Disponível em https://spmateriais.pt/site/wp-content/uploads/2020/10/Os-materiais-na-historia-da-escrita-2.pdf. p. 43.

[3] COSTA, Hermisten Maia Pereira da. (2009). O protestantismo e a palavra impressa: ensaios introdutórios. **Revista Ciências Da Religião - História E Sociedade**, 6(2). Disponível em https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/425. p. 125.

Tempos depois, por volta de 1444, retornou a Mainz e, segundo indicam os historiadores, investiu cerca de dez anos em experimentações de sua invenção, o que o levou ao empobrecimento.[4] Por esta razão, associou-se a Johann Faust, um ourives bem-sucedido que financiaria seu trabalho, e a Peter Schoeffer, um jovem metalúrgico, que veio a ser genro de Faust.[5]

Gutenberg, juntamente com seus sócios, se lançou a trabalhar com tipografia. Sua obra prima foi a primeira impressão de uma Bíblia, por volta de 1455. Apesar de parecer nobre, segundo Miller, eles não "foram movidos por qualquer motivo mais elevado na execução desta obra gloriosa do que o de realizar uma grande soma de dinheiro por meio da empresa".[6] Isso porque a produção buscou assemelhar-se às cópias manuscritas, cobrando um preço semelhante a estas no mercado.

Atribui-se, portanto, a Gutenberg a invenção da imprensa de caracteres móveis, embora não seja unânime o reconhecimento desta paternidade – visto que iniciativas semelhantes ocorreram no oriente. Araújo, entretanto, julga que Gutenberg foi o responsável por reunir o conhecimento necessário e aperfeiçoar aquilo que já existia para impulsionar, decisivamente, a imprensa, o que colocou o seu nome na História.[7]

2. A IMPRENSA

O advento da imprensa só foi possibilitado graças a uma série de condições favoráveis em determinado momento da história, sociais, culturais e tecnológicas. Para que se compreenda quão inovadora foi a imprensa, é preciso entender como eram os meios de registros escritos que a precederam.

2.1 A escrita e seus suportes

Luccio chama atenção para uma questão fundamental: "os textos não existem fora de seus suportes materiais, sejam eles quais forem. Os suportes funcionam como veículos dos textos".[8] É conhecido que a escrita surgiu na Mesopotâmia, sendo feita com uma pequena cunha (espécie de estilete) sobre tábuas de argila – razão pela qual denominou-se tal escrita de "cuneiforme". Este tipo de inscrição, bem como as escritas sobre pedras, foi produzido por diversas civilizações do mundo.

Segundo Brito, uma alternativa interessante de suporte à escrita surgiu por volta de 3.500 a.C.: o papiro. Obtido a partir de uma planta abundante nas margens do Nilo, o papiro

[4] MILLER, Andrew. **A história da igreja.** Vol. 1 e 2. São Paulo: DLC, 2020, p. 754.
[5] BRITO, 2007, p. 43.
[6] MILLER, 2020, p. 754.
[7] ARAÚJO, Joana Lopes. **O poder da palavra impressa:** sua difusão e seu controle. 2010, 29 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1226/1/TCC%2520-%2520joana.pdf. p. 14.
[8] LUCCIO, Flavia Di. **O rolo, o códice e a tela:** um estudo sobre a evolução e a transformação de três suportes textuais. In: . As múltiplas faces dos blogs... 2005. Dissertação (Mestrado), USP. Disponível em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7812/7812_1.PDF. p. 19.

foi desenvolvido pelos egípcios e amplamente utilizado por eles. Tratava-se de uma superfície macia e flexível, que requeria também uma nova tecnologia de escrita: o uso de tintas e pigmentos. Cita que a principal exportadora de papiro foi a cidade de Biblos, daí advindo os termos "Bíblia", "biblioteca", etc. As folhas de papiro eram coladas umas às outras, atingindo a extensão de alguns metros e enroladas, formando o chamado *volumen*, ou rolo. Devido a esta configuração, o papiro era escrito em apenas um dos lados.[9] Segundo Luccio, mais tarde, entre os séculos II e IV, ao invés de confeccionar rolos, as folhas de papiro passaram a ser agrupadas em cadernos, o que foi chamado de *codex*, ou códices. Neste formato, foi possível escrever em ambos os lados das folhas. Este foi o precursor do modelo de livro moderno.[10]

O papiro, entretanto, em algum momento, se tornou escasso, e, portanto, caro, além de também ser considerado frágil. Por essa razão, surgiu outra opção de suporte: o pergaminho. Ferreira afirma que a matéria-prima do pergaminho era o couro de carneiro ou de cabrito.[11] Brito aponta que o pergaminho surgiu no século III a.C., e seu nome alude à cidade de Pérgamo – sendo o mesmo que "pele de Pérgamo".[12] Santos diz que o pergaminho era um material muito mais durável do que o papiro, e por isso foi utilizado para a produção de livros.[13] Giovannini apud Stancki completa dizendo que o pergaminho superava o papiro também por conta de sua maior flexibilidade.[14]

Embora tenha sido amplamente utilizado na antiguidade, a obtenção de grande quantidade de pergaminho era difícil e cara.[15] Brito diz que "uma tradução da Bíblia para latim, incluindo quatro evangelhos, foi feita, ou supervisionada, por S. Jerônimo na última década do século IV. Executaram-se três cópias para cuja produção teria sido necessário abater 1500 novilhos.[16] Tal dificuldade levou ao advento de um novo suporte, o papel, que substituiu o pergaminho a partir do século XII-XIII.[17]

Segundo Ferreira, a invenção do papel foi realizada na China, por Ts'ai Lun, em substituição a um material derivado da seda que era comumente utilizado naquela região. Seu criador obteve êxito, depois de vários experimentos, utilizando fibras de celulose, produzindo

---

[9] BRITO, Armando Assis de Sousa e. Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais – 1ª parte. **Revista da Sociedade Portuguesa de Materiais**. Lisboa, vol. 19, n. 3 e 4, jul. dez. 2005. Disponível em https://spmateriais.pt/site/wp-content/uploads/2020/10/Os-materiais-na-historia-da-escrita-1.pdf. p. 127.

[10] LUCCIO, 2005, p. 20.

[11] FERREIRA, Maria Thaizza Rafaelly da Silva. **A evolução do livro:** do papiro ao iPad. 2010. 40 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Departamento de Biblioteconomia, UFRN, Natal, 2010. Disponível em https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/39923/3/EvolucaoDoLivro_Ferreira_2010.pdf. p. 12.

[12] BRITO, 2005, p. 132.

[13] SANTOS, Kainã dos. **As tecnologias de comunicação e seu impacto na Missio Dei.** 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia). Faculdade Batista Pioneira, Ijuí, 2021. Disponível em https://www.batistapioneira.edu.br/wp-content/uploads/2022/08/TCC-Kaina.pdf. p. 35.

[14] Giovannini apud STANCKI, Rodolfo. Gutenberg inventou a imprensa? Uma desconstrução do determinismo tecnológico da impressora de tipos móveis. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Unibrasil, Curitiba, v. 1, n. 13, 2015. Disponível em https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/2037/. p. 65.

[15] BRITO, 2005, p. 132.

[16] BRITO, 2005, p. 136.

[17] BRITO, 2005, p. 138.

papel de forma artesanal.[18] Brito afirma que "a mais antiga prova da existência de papel foi encontrada no túmulo da província de Shensi, China (~100 a.C)".[19] Segundo este mesmo autor, por muito tempo os chineses mantiveram o controle da produção do papel, e o processo de fabricação somente chegou à Europa através da expansão árabe[20], sendo a primeira manufatura papeleira da Europa fundada em 1150, na Espanha.[21] Ainda assim, o papel precisou vencer o preconceito de ser considerado frágil e, portanto, menos durável, se comparado ao pergaminho.[22]

A crescente demanda por material de suporte de escrita só poderia ser atendida pela produção do papel, razão pela qual o pergaminho perdeu o espaço. Apesar de ter aparência frágil, levantando suspeita sobre sua durabilidade, o fato de ser leve, passível de produção em quantidades ilimitadas e muito mais barato do que o pergaminho, impulsionaram sua utilização.

Outro aspecto que merece destaque, que foi apenas brevemente citado nos parágrafos anteriores, é a transição dos rolos para os códices. No caso dos rolos, tanto de papiro quanto de pergaminho, o leitor manuseava o livro com ambas as mãos: enquanto desenrolava o texto com uma das mãos, enrolava as partes já lidas com a outra – uma vez que os textos eram manuscritos horizontalmente, organizados em colunas. Este modelo impunha fortes limitações tanto ao leitor quanto ao escritor, pois inviabilizava a consulta a outras obras durante a produção de um texto.[23] Já o códice, segundo o autor, permitia "uma localização mais fácil e uma manipulação mais agradável do texto", além de tornar a fabricação do livro mais barata custos, uma vez que foi possível escrever em ambos os lados das páginas, otimizando-se o material e possibilitando a produção de livros com mais texto/conteúdo.[24]

A evolução dos suportes da escrita demonstra que a história do livro foi marcada por mudanças que facilitaram o registro, a conservação e a consulta dos textos. A utilização do papel, associada às vantagens do códice, contribuiu para estabelecer condições materiais mais favoráveis à produção de livros. Esses desenvolvimentos, embora anteriores à imprensa de Gutenberg, ajudam a compreender o contexto no qual a reprodução de textos em maior escala se tornou possível.

2.2 A produção literária

Conforme Luccio, na Antiguidade grega ou romana, a tarefa de escrever era realizada por dois profissionais: um escritor, que criava e ditava o texto, e um escriba, que efetivamente o registrava. O trabalho era realizado desta forma, com atividades distintas, pois era impossível

[18] FERREIRA, 2010, p. 13.
[19] BRITO, 2005, p. 134.
[20] BRITO, 2005, p. 139.
[21] BRITO, 2005, p. 140.
[22] FERREIRA, 2010, p. 13.
[23] LUCCIO, 2005, p. 19.
[24] LUCCIO, 2005, p. 20.

que apenas uma pessoa executasse a tarefa manuseando um rolo de papiro ou pergaminho. Com o advento do códice, o trabalho individual tornou-se possível.[25]

Durante a Alta Idade Média, a produção literária ficou à cargo, majoritariamente, da Igreja, sendo as obras manuscritas produzidas nos mosteiros, onde monges se dedicavam ao trabalho de cópia por meses ou até anos até a conclusão. Estas obras eram artisticamente decoradas, com pinturas e desenhos elaborados, coloridos, chamados de iluminuras. Estes detalhes embelezavam as obras e as tornavam muito valiosas.[26] Mais tarde, a partir do século XIV, com o surgimento de oficinas laicas, houve uma maior especialização do trabalho, distinguindo-se os ofícios de copistas, iluminadores encadernadores, e outros, ligados ao mercado de produção e comercialização de livros.[27]

Curtis afirma que os custos do trabalho manual de monges, escrevendo sobre papiro ou pergaminho, e dos materiais envolvidos na produção de livros, eram muito altos, inacessíveis à maior parte da população.[28] Por isso, livros eram privilégios da nobreza. Além de onerosa, a escrita dos escribas era um trabalho lento, tornando a produção de obras literárias muito demoradas.[29]

Outro aspecto importante em relação a este período histórico, é que poucas pessoas sabiam ler. A educação formal estava concentrada nos mosteiros, razão pela qual os monges e religiosos detinham o conhecimento e, portanto, a possibilidade e capacidade de escrever. Ribeiro diz que "até o século XV, a civilização era composta predominantemente por analfabetos e, e numa estrutura social baseada no pilar da igreja e da nobreza, o controle social era efetuado pela fé e pelos dogmas".[30] Curtis indica mais um fator dificultador, além da alta taxa de analfabetismo e dos altos custos de produção de livros, para o acesso a obras literárias: a produção no idioma latim, conhecido por um grupo muito restrito de pessoas. Esta característica se deve ao fato de consistir em uma atividade essencialmente monástica.[31]

Ribeiro afirma que, apesar da habilidade e do zelo com que os monges trabalhavam nos manuscritos, ocorriam muitos erros na produção das cópias. Os erros eram comuns sobretudo quando eram feitas várias cópias ao mesmo tempo, pois o processo consistia em vários monges copistas trabalhando simultaneamente registrando um texto ditado.[32]

O livro manuscrito era, em geral, menos portátil do que os atuais, apesar de já ser em formato de códice.[33] Mesmo com o advento da imprensa, os manuscritos não deixaram imediatamente de existir, sendo produzidos até o início do século XVI. Os livros impressos,

[25] LUCCIO, 2005, p. 23.
[26] BRITO, 2005, p. 135.
[27] BRITO, 2005, p. 137.
[28] CURTIS, A. K.; LANG, J. S.; PETERSEN, R. **Os 100 acontecimentos mais importantes da História do Cristianismo**. São Paulo: Vida, 2003, p. 87.
[29] SANTOS, 2021, p. 36.
[30] RIBEIRO, Gerlaine Marinotte; CHAGAS, Ricardo de Lima; PINTO, Sabrine Lino. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007. Disponível em https://www.revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/download/1413/1236/. p. 32.
[31] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[32] RIBEIRO; et al., 2007, p. 32.
[33] BELO, 2002 *apud* RIBEIRO, 2007, p. 33.

inclusive, buscaram se assemelhar aos manuscritos, buscando contornar o preconceito do público diante do produto fabricado através da nova tecnologia.[34]

2.3 O desenvolvimento da imprensa

Como dito anteriormente, há controvérsias sobre Gutenberg ter sido o inventor da imprensa de tipos móveis. Stancki diz que ele "não foi o único, nem mesmo o primeiro, a trabalhar com tecnologias de impressão".[35] As primeiras e mais bem-sucedidas iniciativas parecem ter ocorrido no Oriente, mais precisamente na China, e, posteriormente, na Coréia, onde foram identificadas inovações anteriores no que se refere à impressão textual. Os chineses imprimiram com tipos móveis feitos de argila moldada e cozida por volta do ano 1040, e por volta de 1220 com tipos móveis de madeira. Posteriormente, por volta de 1390, surgiram os caracteres moldados em cobre ou bronze.[36] A Coreia, em 1377, foi pioneira no uso de tipos móveis de metal, mas indícios levam a crer que seu uso pode ser anterior, por volta do ano 1234.[37]

Apesar destas evidências, alguns estudiosos são céticos em admitir o pioneirismo chinês na imprensa de tipos móveis, alegando que seu modelo de escrita, composta de muitos símbolos, chamados ideogramas – não se ajustaria a tal tecnologia. Citam também os relatos de Marco Pólo, que não fez qualquer menção à imprensa em seus registros de viagem, o que contraria a lógica, visto que seria uma tecnologia muito inovadora para a época.[38] Assim, ao menos no Ocidente, é atribuída ao alemão Johannes Gutenberg (1400-1468) a invenção da imprensa de tipos móveis metálicos, e ao holandês Laurent Janszoon Coster (1370-1440), a execução dos primeiros tipos móveis em madeira.[39]

2.4 A imprensa de tipos móveis de Gutenberg

Com o fim da Idade Média, o mundo experimentava uma grande mudança: a cidades ressurgiam e nasciam as universidades. O declínio da Igreja era uma realidade e havia uma sede por conhecimento. Santos diz que os livros manuscritos "foram produzidos em número cada vez mais elevado nos dois séculos anteriores à invenção da impressão gráfica".[40] Estes fatores foram decisivos para o surgimento da imprensa, que representou uma resposta às crescentes demandas sociais.[41]

Stancki afirma que a invenção de Gutenberg, a prensa gráfica, era baseada em uma prensa de uvas utilizada para fabricar vinhos. Os caracteres da impressão eram gerados por tipos metálicos, os quais eram dispostos organizadamente para formar as palavras. O autor descreve o processo de impressão, dizendo que os tipos eram organizados sobre uma placa

[34] RIBEIRO; et. al, 2007, p. 33.
[35] STANCKI, 2015, p. 64.
[36] BRITO, 2005, p. 134.
[37] SANTOS, 2021, p. 37.
[38] BRITO, 2005, p. 134.
[39] BRITO, 2007, p. 42.
[40] SANTOS, 2021, p. 35.
[41] STANCKI, 2015, p. 66.

de metal ou madeira; sobre os tipos era aplicada tinta; em seguida, a placa era pressionada contra a filha de papel, deixando-a impressa.[42] Os caracteres (tipos) eram considerados "móveis" pois, após a impressão, podiam ser retirados da forma para posterior reutilização, conforme a necessidade.[43]

Costa enfatiza que os tipos móveis confeccionados com uma liga metálica baseada em chumbo, estanho e antimônio, foram a verdadeira contribuição de Gutenberg, caracterizando a tipografia. Explica que o inventor havia iniciado sua experiência com tipos de madeira, migrando para o chumbo por ser um material mais resistente. Ainda assim, o chumbo somente não apresentava as características necessárias para garantir a qualidade da impressão.[44] O desenvolvimento de uma liga metálica adequada ao uso gráfico é atribuído a Gutenberg, embora alguns autores o creditem ao seu sócio, Schöeffer, bem como a tinta especial à base de negro de fumo e óleo de linhaça.[45]

A invenção de Gutenberg permitiu a produção de muitas cópias de um mesmo material com maior velocidade por um custo muito menor.[46] Por volta de 1454, O primeiro livro impresso por Gutenberg foi a Bíblia, em uma quantidade significativa de exemplares, o que jamais teria sido possível de forma manual, como se faria até então. Além disso, os erros, frequentes em cópias manuscritas, foram praticamente extintos.[47]

Brito afirma que, embora se possa contestar o ineditismo do trabalho de Gutenberg, não se pode tirar seu mérito de ter reunido a tecnologia até então disponível em um invento mais avançado. Sua obra impulsionou decisivamente a produção gráfica.[48]

O advento da imprensa impactou fortemente o século XV. Inicialmente, representou uma ameaça ao trabalho dos escribas. A Igreja percebeu-se perdendo o monopólio do conhecimento, pois os materiais impressos por leigos permitiam aos leitores o acesso direto à informação, religiosa ou não, podendo realizar sua própria análise.[49] Além disso, a imprensa tornou-se um veículo fundamental para a disseminação de ideias e para o debate político, levando a uma grande transformação social. Criou-se também um vigoroso mercado editorial, pois a produção de livros impressos se tornou economicamente rentável.[50]

Gutenberg e seus sócios inicialmente mantiveram segredo em relação às tecnologias de impressão, mas em pouco tempo havia máquinas de impressão em diversos países da Europa. Para que se possa mensurar o impacto da imprensa, basta observar a quantidade de Bíblias produzidas: em poucas décadas, os exemplares impressos superaram os produzidos pelos monges em vários séculos de trabalho manual. Além disso, observou-se o crescimento da

[42] STANCKI, 2015, p. 65.
[43] BRITO, 2007, p. 43.
[44] COSTA, 2009, p. 125.
[45] BRITO, 2007, p. 43.
[46] CURTIS et al., 2003, p. 87.
[47] FERREIRA, 2010, p. 17; SANTOS, 2021, p. 37.
[48] BRITO, 2007, p. 42.
[49] SANTOS, 2021, p. 37.
[50] FERREIRA, 2010, p. 17.

população alfabetizada e o desenvolvimento do mercado editorial, que passou a disponibilizar livros em diversos idiomas.[51]

As transformações proporcionadas pela imprensa criaram condições favoráveis à produção e à circulação de obras em uma escala até então difícil de alcançar. Nesse contexto, a impressão da Bíblia representou um marco significativo, tanto pela complexidade técnica da obra quanto pela importância que o texto bíblico ocupava na vida religiosa e cultural da sociedade europeia. Para compreender esse empreendimento, é necessário considerar as condições históricas que antecederam a impressão e as características da própria Bíblia de Gutenberg.

3. A BÍBLIA E SUA PRODUÇÃO

Benatte classifica os livros bíblicos como clássicos, assumindo o seguinte conceito para o termo "clássico": "aquele livro que uma nação ou um grupo de nações ou o longo tempo decidiram ler como se em suas páginas tudo fosse deliberado, fatal, profundo como o cosmo e capaz de interpretações sem termo". Acrescenta ainda que a Bíblia se enquadra como um clássico por ser "um livro que as gerações dos homens, urgidos por razões diversas, leem com prévio fervor e com uma misteriosa lealdade".[52]

Conforme Santos, Deus é o criador da comunicação, e que Ele não apenas utiliza os meios de comunicação disponíveis sem ressalvas, mas também os adapta para servirem ao seu propósito de alcançar a humanidade com o Evangelho.[53] Comenta que atualmente a Bíblia está difundida no mundo todo, sendo disponibilizada em mais de 350 idiomas e dialetos, e contabilizando bilhões de volumes produzidos.[54]

Originalmente, os livros do Antigo Testamento foram escritos em hebraico e aramaico, e os do Novo Testamento, em grego. Entretanto, ainda no primeiro século, foi produzida, em Alexandria, a versão do Antigo Testamento na língua grega, que ficou conhecida como "Septuaginta". Atualmente, a Bíblia completa mais antiga encontrada é a chamada *Codex sinaiticus*. Trata-se de um códice manuscrito em pergaminho, datado do século IV ou V.[55]

Santos afirma que já no século II foram empreendidos esforços para a tradução dos textos bíblicos para o latim, idioma amplamente utilizado no império romano, que passou a suplantar o grego a partir de 330 d.C. O autor explica que, devido à quantidade de versões latinas surgidas e utilizadas pelos cristãos, a Igreja se viu obrigada a aceitar uma versão como oficial para evitar possíveis erros de tradução e discussões teológicas. Assim, a *Vulgata*, tradução produzida por Jerônimo, foi a versão escolhida e oficializada.[56]

[51] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[52] BENATTE, Antonio Paulo. História da leitura e história da recepção da Bíblia. **Oracula**: Revista Eletrônica do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Crista, São Bernardo do Campo, 3.5, 2007. Disponível em https://ri.uepg.br/riuepg/bitstream/handle/123456789/524/ARTIGO_HistoriaLeituraHistoria.pdf. p. 63.
[53] SANTOS, 2021, p. 32.
[54] SANTOS, 2021, p. 33.
[55] SANTOS, 2021, p. 35.
[56] SANTOS, 2021, p. 34-35

No Império Romano, o latim foi utilizado por muito tempo como língua jurídica, sendo os documentos oficiais produzidos em latim. Após a oficialização do cristianismo como religião do Império, passou também a ser a língua adotada pela Igreja. Entretanto, o latim perdeu espaço entre a elite romana dado o prestígio do grego, especialmente devido à riqueza literária disponível nesse idioma. Após a queda do Império Romano do Ocidente, em decorrência da fragmentação, foi gradativamente sendo substituído por dialetos locais, permanecendo vivo apenas no ambiente eclesiástico por ser a língua litúrgica da Igreja.

Benatte indica duas razões pelas quais a Bíblia não era uma leitura popular até o século XVI: a primeira se refere ao texto bíblico ser disponibilizado apenas em latim; a segunda, diz respeito à sua produção manuscrita. A explicação é simples: o latim não era uma mais uma língua conhecida da população em geral, mas restrita aos membros do clero; e o custo da produção manuscrita tornava uma cópia da Bíblia inacessível para uma pessoa comum.[57] Nesse sentido, Miller diz que "uma cópia da Bíblia custava de quarenta a cinquenta libras apenas para ser escrita, pois um copista experiente precisava de cerca de dez meses de trabalho para fazer uma".[58]

Conforme já exposto, na Idade Média, livros eram privilégio de poucos – em geral, de ricos e nobres, pois o custo dos materiais e do tempo utilizado pelos monges para produzir uma Bíblia impossibilitava o acesso da maioria das pessoas. As altas taxas de analfabetismo, faziam com que os fiéis precisassem confiar no pároco local para serem instruídos na fé. Inclusive, a falta de educação formal foi uma das razões para o uso de ilustrações de passagens bíblicas nos vitrais das catedrais. Além disso, a Bíblia era escrita em latim, o que restringia ainda mais a quantidade de possíveis leitores – mesmo os sacerdotes locais eram pouco instruídos no idioma, e tinham precário conhecimento bíblico.[59]

Porém, ainda que a produção de cópias de obras literárias fosse manuscrita, Santos indica que a volume da produção se intensificou nos dois séculos que antecederam o advento da imprensa, demonstrando que uma transformação social estava em curso.[60]

3.1 A Bíblia de Gutenberg

Gutenberg escolheu a *Vulgata*, Bíblia latina de Jerônimo, como a primeira obra literária a ser produzida com sua invenção. Este feito, que é o marco da fundação da imprensa, lhe exigiu muita dedicação, bem como o domínio das técnicas gráficas. Conforme Curtis, "o homem comum não podia ainda compreender a Palavra de Deus, mas esse foi o primeiro passo de uma enorme revolução".[61]

A "Bíblia de Gutenberg", ficou também conhecida como "Bíblia de 42 linhas", ou B-42, devido ao fato de o texto ser majoritariamente distribuído, em suas páginas, em 42 linhas. Costa conta que, nas primeiras páginas, o texto foi organizado em 40 linhas, mas, visando

[57] BENATTE, 2007, p. 70.
[58] MLLER, 2020, p. 755.
[59] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[60] SANTOS, 2021, p. 35.
[61] CURTIS et al., 2003, p. 87.

reduzir o custo da produção, Gutenberg optou por acrescentar duas linhas nas páginas seguintes. Cada página comportava o texto em duas colunas, de modo que a obra totalizou 1.282 páginas (641 folhas), organizadas em dois volumes.[62] Segundo Brito, a maior parte dos exemplares foi produzido em papel, mas alguns poucos também em pergaminho.[63]

Os exemplares não continham informação dos autores, da data de impressão e nem mesmo do número de exemplares[64], o que traz incerteza sobre o exato momento da produção e da quantidade exata de cópias realizadas. Entretanto, estima-se que a impressão tenha ocorrido em 1455, visto que um exemplar preservado, que faz parte do acervo da Biblioteca Nacional de Paris, conhecido como "Bíblia Mazarina", possuir uma nota manual, com data de 15 de agosto de 1456, em uma de suas páginas.[65] Quanto à tiragem, alguns autores indicam um total de 100 cópias[66]; outros afirmam terem sido cerca de 200 exemplares[67]; e outros, ainda, chegam a contar aproximadamente 300 unidades.[68] Restam, atualmente, apenas cerca de 50 cópias no mundo, nem todas completas.

Costa explica que os caracteres utilizados na obra eram do tipo gótico, e que se assemelhavam aos utilizados em manuscritos, contribuindo muito para o aspecto gráfico do conjunto. Revela a estimativa de que tenham sido necessárias 290 peças de tipografia para compor o texto.[69] Brito explica que a letra inicial da primeira palavra de cada parágrafo era pintada manualmente, bem como as figuras, o que a aproximava, do ponto de vista estético, das cópias produzidas manualmente, e tornava cada cópia única.[70]

Alguns desafios tiveram que ser superados por Gutenberg para obter sucesso na ousada empreitada de produzir a Bíblia. Em primeiro lugar, o grande número de páginas demandava uma significativa quantidade de papel, matéria-prima que precisava ser racionalizada para viabilizar a obra devido ao custo – o que explica o ajuste na quantidade de linhas nas páginas da obra ao longo da produção. Em segundo lugar, no tocante ao processo de produção propriamente dito, era necessário que os caracteres metálicos fossem suficientemente duráveis para aguentar o uso intensivo sem apresentar danos que comprometessem a impressão. Em terceiro lugar, a tinta utilizada também requeria cuidados, pois deveria ser líquida o suficiente para marcar a superfície do papel, mas não deveria alastrar-se além do desejado para não afetar o perfeito o contorno das letras. E, apesar de marcar a superfície, não deveria impregnar o papel a ponto de transparecer na outra face, pois esta seria impressa em outro momento, após a secagem da tinta. Em quarto lugar, a dinâmica da produção em série diferia totalmente da produção artesanal do manuscrito. A elaboração e o estabelecimento de um sistema de produção em escala demandaram um olhar fabril,

[62] COSTA, 2009, p. 129.
[63] BRITO, 2007, p. 44.
[64] RIBEIRO; et. al, 2007, p. 33.
[65] BRITO, 2007, p. 43.
[66] COSTA, 2009, p. 126.
[67] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[68] BRITO, 2007, p. 44.
[69] COSTA, 2009, p. 126.
[70] BRITO, 2007, p. 43.

considerando os recursos e a capacidade da oficina, os insumos disponíveis, o tempo dispendido em cada etapa, a sequência das atividades, etc.

A produção da Bíblia de Gutenberg representou, portanto, um empreendimento que reuniu conhecimentos técnicos, recursos materiais e uma nova organização do trabalho gráfico. A reprodução de uma obra extensa por meio de tipos móveis demonstrou o potencial da imprensa para ampliar a produção de livros e estabeleceu um marco na história da cultura escrita. A relevância desse acontecimento, contudo, não se limitou à técnica de impressão, pois a difusão de livros teria implicações importantes para a circulação das ideias religiosas, especialmente no contexto da Reforma Protestante.

3.2 A importância da imprensa para a Reforma Protestante

Com o advento da imprensa, a produção de livros deixou de ser totalmente artesanal e passou a ser uma espécie de indústria, pois o trabalho ocorria em uma oficina com auxílio de equipamentos.[71] Luccio diz que "de repente, uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, alterou consideravelmente a relação dos escritores e dos leitores com a cultura escrita". Isso porque, graças ao novo processo, os custos de produção e o tempo despendido no processo diminuíram, tornando as obras mais acessíveis. A prensa permitiu publicar mais materiais a um preço menor, democratizando o acesso aos livros.[72]

A imprensa instaurou ou nova era para a divulgação de ideias através de escritos, e uma permitiu o contato dos leitores com novas realidades e perspectivas. Esta tecnologia, a imprensa, até hoje é fundamental para a proporcionar a difusão do conhecimento através dos livros. Cairns coloca o advento da imprensa como um dos importantes fatores de declínio Católico-Romano, uma vez que o acesso ao conhecimento gera descobertas, questionamentos e provoca o senso crítico[73] – o que aconteceu com relação às autoridades eclesiásticas e aos dogmas da Igreja.[74] A produção de livros voltados aos estudantes desafiou o clero, que detinha o monopólio intelectual e do ensino.[75]

A popularização dos livros levou também ao interesse pela alfabetização. A sociedade, até então composta por pessoas sem instrução, orientadas pela Igreja, se transforma pelo acesso e busca pelo conhecimento, o que afeta a modo de pensar das pessoas. Schilling apud Ribeiro afirma que "é impossível pensar a realidade sem pensar na contribuição da imprensa e do livro para o progresso das sociedades".[76] Chaves *apud* Ribeiro diz que "o invento de Gutenberg foi fundamental para o surgimento do protestantismo" e que "a invenção foi uma força motriz que dinamizou transformações tão rapidamente e que, sem ela, até poderia haver mudanças paradigmáticas, mas não com a intensidade e rapidez com que ocorreu".[77]

[71] STANCKI, 2015, p. 67.
[72] LUCCIO, 2005, p. 21.
[73] CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos:** uma história da Igreja cristã. 3.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 205.
[74] SANTOS, 2021, p. 39.
[75] COSTA, 2009, p. 127.
[76] SCHILLING, 2005 *apud* RIBEIRO; et al., 2007, p. 31.
[77] CHAVES, 2005 *apud* RIBEIRO; et al., 2007, p. 31.

A imprensa trouxe maior liberdade de acesso à informação e, ao mesmo tempo, de manifestação do pensamento. Ribeiro defende a ideia de que a imprensa "nunca foi um invento pacífico", pois "o livro saído de um prelo, e não da tinta de um monge escriba, tornou-se uma força subversiva, capaz de abalar a fé e de reduzir a autoridade da igreja".[78] A Igreja, de fato, temia que leigos viessem a estudar textos religiosos, tirando suas próprias conclusões, ao invés de confiar nos ensinos da Igreja.

Conforme Brito, a imprensa foi rapidamente difundida em toda a Europa, de modo que no século XVI já se contabilizavam aproximadamente 1700 prensas distribuídas em mais de 300 cidades.[79] Curtis pondera que o advento da imprensa provavelmente acelerou a Reforma, uma vez que permitiu que a Bíblia estivesse acessível a todos, de modo que o povo não mais dependia unicamente do clero para conhecê-la.[80]

Outra contribuição da imprensa para os objetivos da Reforma, no entendimento de Araújo foi o impulsionamento do uso das línguas vernáculas. Não estando mais sob a controle do clero, as obras passaram a ser produzidas no idioma falado pela população, ampliando o alcance das publicações e tornando a produção de livros comercialmente interessante. O mesmo autor diz que a imprensa influenciou decisivamente a velocidade de distribuição e o fluxo de informações à sociedade, o que representou "uma das revoluções técnicas mais importantes da história da humanidade".[81] Santos diz que "a impressão gráfica converteu a Reforma em uma revolução permanente".[82]

Todos estes fatores foram importantes para moldar a sociedade, que estava em ebulição na época da Reforma. Lutero soube aproveitar a tecnologia da imprensa para divulgar suas ideias. Em 1522 lançou sua versão do Novo Testamento para o alemão. A tiragem foi de 3000 cópias, o que representava um grande volume, mas rapidamente estava esgotada. Em 1534, publicou sua versão completa da Bíblia para o alemão, utilizando uma linguagem acessível ao povo, de modo que todos pudessem compreender os textos – a exemplo do que havia feito com o Novo Testamento. Esta publicação foi outro grande sucesso, e a versão de Lutero tornou-se a mais difundida no idioma alemão.

O livre exame das Escrituras, um dos pressupostos fundamentais da Reforma Protestante, decorrente do entendimento de que a Bíblia é a única regra de fé e prática – o *Sola Scriptura* – só foi viabilizado, na prática, pela facilitação do acesso das pessoas comuns à Bíblia, graças ao advento da imprensa.

A imprensa não explica, isoladamente, o surgimento da Reforma Protestante, mas contribuiu de maneira significativa para a divulgação de textos, a circulação de argumentos e o acesso às Escrituras. Sua importância esteve na possibilidade de reproduzir e distribuir ideias com maior rapidez e alcance, favorecendo a atuação de reformadores como Martinho Lutero. Dessa forma, a produção da Bíblia de Gutenberg e o desenvolvimento posterior da imprensa

[78] RIBEIRO; et al., 2007, p. 34.
[79] BRITO, 2007, p. 57.
[80] CURTIS; et al., 2003, p. 87.
[81] ARAÚJO, 2010, p. 14.
[82] SANTOS, 2021, p. 46.

devem ser compreendidos como parte de um processo histórico mais amplo, no qual fatores religiosos, sociais e culturais também desempenharam um papel relevante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação dos acontecimentos ao longo da História permite constatar a importância dos pequenos avanços tecnológicos. Eles representam, na maioria das vezes, avanços incrementais que trazem melhoria das condições, mas não intentam romper tradições. Entretanto, tais incrementos ao padrão existente, por fim, pressionam a realização de mudanças paradigmáticas, isto é, a substituição radical do modo de fazer as coisas, seja por instrumentos, técnicas ou métodos. A evolução da maneira de o homem escrever bem representa esse processo: a substituição do suporte rígido de escrita, a pedra ou a argila, pelo suporte macio, o papiro, exigiu a alteração de todo o processo, desde a obtenção do papiro (extração e beneficiamento), desenvolvimento das tintas e dos instrumentos de escrita (penas). Já a transição do papiro para o pergaminho, e deste para o papel, não demandaram alterações tão drásticas, sendo caracterizadas como simples evoluções. O advento da imprensa, entretanto, representou uma nova mudança paradigmática, substituindo um modelo que perdurou por séculos e respondendo a novas demandas às quais este era incapaz de satisfazer.

O surgimento da imprensa foi um evento marcante não apenas no que se refere à produção de livros, mas a possibilidade de difundir ideias pela multiplicação de materiais de leitura mudou o mundo. Alguns autores creditam à invenção o avanço científico, a formação dos estados nacionais e o surgimento do protestantismo.[83] De fato, as ideias de Lutero tiveram seu alcance potencializado pela invenção, que foi muito bem utilizada pelo reformador. A literatura, produzida fora do controle da Igreja e acessível ao povo, representou a possibilidade de livre manifestação do pensamento e da oportunidade ao contraditório.

Outro aspecto importantíssimo no que tange à Reforma é que um de seus pressupostos fundamentais, o livre exame das Escrituras, decorrente do *Sola Scriptura,* só foi viabilizado, na prática, pela facilitação do acesso das pessoas comuns à Bíblia, graças ao advento da imprensa. Gutenberg, portanto, teve um papel fundamental pois, mesmo sem imaginar, contribuiu para gerar as condições necessárias.

Conclui-se, assim, que a produção da primeira Bíblia impressa por Gutenberg deve ser compreendida à luz das condições históricas, culturais e tecnológicas que tornaram esse empreendimento possível. A imprensa não apenas modificou os processos de produção dos livros, mas também ampliou as possibilidades de circulação do conhecimento e das ideias religiosas. Embora a Reforma Protestante tenha resultado de um conjunto mais amplo de fatores, a difusão dos textos impressos contribuiu significativamente para o contexto em que suas ideias foram divulgadas e debatidas, evidenciando a relevância histórica da invenção de Gutenberg.

[83] CHAVES, 2005 *apud* RIBEIRO; et al., 2007, p. 31.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joana Lopes. **O poder da palavra impressa: sua difusão e seu controle**. 2010, 29 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação) – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis, UFRJ, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/1226/1/TCC%2520-%2520joana.pdf

BENATTE, Antonio Paulo. História da leitura e história da recepção da Bíblia. **Oracula: Revista Eletrônica do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Crista***,* São Bernardo do Campo, 3.5, 2007. Disponível em https://ri.uepg.br/riuepg/bitstream/handle/123456789/524/ARTIGO_HistoriaLeituraHistoria.pdf

BRITO, A. A. S. (2005). Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais – 1ª parte. Revista **da Sociedade Portuguesa de Materiais**. Lisboa, vol. 19, n. 3 e 4, jul. dez. 2005. Disponível em https://spmateriais.pt/site/wp-content/uploads/2020/10/Os-materiais-na-historia-da-escrita-1.pdf

BRITO, A. A. S. (2007). Os materiais na história da escrita: das placas de argila da Suméria às pastilhas de silício dos processadores actuais – 2ª parte. **Revista da Sociedade Portuguesa de Materiais**. Lisboa, vol. 19, n. 3 e 4, jul. dez. 2007. Disponível em https://spmateriais.pt/site/wp-content/uploads/2020/10/Os-materiais-na-historia-da-escrita-2.pdf

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja cristã. 3.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Vida Nova, 2008

COSTA, H. M. P. da. (2009). O protestantismo e a palavra impressa: ensaios introdutórios. **Revista Ciências Da Religião - História E Sociedade**, 6(2). Disponível em https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/425

CURTIS*,* A. K.*;* LANG, J. S.; PETERSEN, R. **Os 100 acontecimentos mais importantes da História do Cristianismo***.* São Paulo: Vida, 2003.

FERREIRA, Maria Thaizza Rafaelly da Silva. **A evolução do livro**: do papiro ao iPad. 2010. 40 f. Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) - Departamento de Biblioteconomia, UFRN, Natal, 2010. Disponível em https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/39923/3/EvolucaoDoLivro_Ferreira_2010.pdf

LUCCIO, Flavia Di. **O rolo, o códice e a tela**: um estudo sobre a evolução e a transformação de três suportes textuais. In: ___. As múltiplas faces dos blogs 2005. Dissertação (Mestrado), USP. Disponível em http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7812/7812_1.PDF

MILLER, A. **A história da igreja editora**. Vol. 1 e 2. São Paulo: DLC, 2020.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. **Akropólis**, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007. Disponível em https://www.revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/ download/1413/1236/

SANTOS, Kainã dos. **As tecnologias de comunicação e seu impacto na Missio Dei**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Teologia). Faculdade Batista Pioneira, Ijuí, 2021. Disponível em https://www.batistapioneira.edu.br/wp-content/uploads/2022/08/TCC-Kaina.pdf

STANCKI, Rodolfo. (2015). Gutenberg inventou a imprensa? Uma desconstrução do determinismo tecnológico da impressora de tipos móveis. **Cadernos da Escola de Comunicação**, Unibrasil, Curitiba, v. 1 n. 13, 2015. Disponível em https://portaldeperiodicos.unibrasil.com.br/index.php/cadernoscomunicacao/article/view/2 037/.